

## A IDEIA DE EUROPA EM ARISTIDE BRIAND:

### *O Memorando Briand*



*“...Tenho-me associado nestes últimos anos a uma propaganda activa a favor de uma ideia que tem sido qualificada como generosa, talvez para se dispensar de a qualificar como imprudente. Esta ideia, que nasceu há muitos anos, tem alimentado a imaginação dos filósofos e dos poetas ...”*

*Memorandum Briand*

*João Ricardo de Sousa Barbosa e Dias da Costa \**

*Cap Art*

## RESUMO

É com grande esperança que esperamos ansiosamente pela assinatura do “Tratado Reformador”, ou Tratado de Lisboa, afastando assim uma sombra que pairava há algum tempo sobre o seu futuro. Mas a realidade do projecto europeu tem alternado entre o sucesso e o quase falhanço, entre avanços e recuos, com acções de força e cedências de parte a parte dos diversos países que a constituem, com sonhadores e cépticos... enfim, é preciso ter a noção de que a vontade de obter uma união política dos países europeus é muito mais antiga do que os 50 anos da União Europeia e esteve sempre sujeita às condições políticas existentes em cada época, pelo que o indiscutível sucesso destes 50 anos de Paz e prosperidade se deve à perseverança de muitas personalidades da História da Europa, mesmo dos que viveram bem antes do início da Comunidade Económica Europeia (e que morreram sem ter a noção do legado que deixavam).

Um dos marcos no processo de construção europeia é o “Memorando sobre a organização de um Regime de União Federal Europeia” ou Memorando Briand, apresentado por Aristide Briand em 1929/30. Na realidade, foi um documento que não teve quase nenhuns resultados práticos naquela altura, tendo mesmo sido considerado um verdadeiro falhanço político pelos seus contemporâneos.

Apesar disso, a História conferiu-lhe um lugar de destaque, pelo que se torna interessante compreender qual era o projecto de Aristide Briand e qual foi o seu legado.

\* Capitão de Artilharia, actualmente a frequentar o Curso de Promoção a Oficial Superior.

## INTRODUÇÃO

No dia 25 de Março de 2007, celebrou-se por toda a União Europeia os 50 anos do projecto Europeu, muito embora esses festejos tenham sido ensombrados por uma nuvem de incerteza quanto ao futuro.

É verdade que a União Europeia tem vivido nos últimos tempos um dos períodos mais negros da sua, ainda curta, História, e só agora parece, com o “Tratado Reformador” estar a sair, esperamos nós, do impasse provocado pelo chumbo Francês e Holandês do Tratado que estabelece uma Constituição para a Europa. Mas também é verdade que a vontade de obter uma união política dos países europeus é muito mais antiga do que os meros 50 anos da União Europeia, com a História a ensinar-nos que os projectos para a Europa têm sido inúmeros e diversificados, variando entre os puramente demagógicos e as implementações efectivas, com mais ou menos sucesso.

Uma das referências em todo o processo de construção europeia é, sem dúvida, o “Memorando sobre a organização de um Regime de União Federal Europeia”, de Aristide Briand, apresentado em 1929/30. Mas na realidade o Memorando Briand não trouxe praticamente nenhuns resultados práticos, tendo em boa verdade constituído um verdadeiro falhanço político, o que desde logo torna interessante saber o porquê da importância histórica que lhe é atribuída.

Por forma a tentar compreender melhor a razão dessa importância na História da Europa, vamos “espreitar” um pouco para a figura histórica que é Briand, para depois efectuar um enquadramento histórico à sua proposta, fazendo a ponte entre este projecto e o movimento Pan-Europeu, de Richard Kalergi. Seguidamente abordaremos o discurso de Aristide Briand, proferido na X Assembleia da Sociedade das Nações (SDN) em 7 de Setembro de 1929, bem como o Memorando, apresentado em 17 de Maio de 1930, procurando apurar os aspectos principais, bem como as reacções internacionais e os resultados práticos da proposta.

### 1. O HOMEM

Aristide Briand nasceu em Nantes em 28 de Março de 1862. Jurista de formação académica, cedo enveredou pela política. Após ter terminado o curso, escreveu para alguns jornais de cariz socialista como *Le Peuple*, *La Lanterne* e *Petite Republique*, tendo inclusive criado em 1904, em conjunto com Jean Jaurés, o jornal *L’Humanité*.

Em 1901 tornou-se Secretário-Geral do Partido Socialista Francês e no ano seguinte foi eleito para a Câmara dos Deputados. Em 1906 foi expulso do partido por ter aceite um cargo de Ministro no governo de coligação de Georges Clemenceau, onde se manteve até 1909, ano em que se tornou Primeiro-Ministro (mas apenas até Novembro do ano seguinte). Durante estes quatro anos defendeu e implementou diversas medidas que escandalizaram a ala socialista de onde tinha saído, como por exemplo o aumento do tempo do serviço militar obrigatório. Afastado do poder em 1910, regressou como Ministro da Justiça em 1914<sup>1</sup> e tornou-se Primeiro-Ministro em Outubro do ano seguinte, lugar que ocupou durante praticamente todo o conturbado período da 1.ª Guerra Mundial. Em Novembro de 1917, face ao desastre da “ofensiva de Nivelle”, consubstanciado nas impressionantes baixas sofridas pelo do Exército francês<sup>2</sup>, Briand é afastado do poder. Regressa novamente ao poder em 1921 onde ocupou o cargo de Primeiro-Ministro durante um ano. Entre 1925 e 1932 Briand foi Ministro dos Negócios Estrangeiros da França (algumas vezes em acumulação com o cargo de Primeiro-Ministro: 1925-26 e 1929), tendo conhecido nesta época alguns dos momentos áureos da sua carreira.

Em 16 de Outubro de 1925 assinou (em nome da França) com o seu homólogo alemão, Gustav Stresemann, os “Acordos de Locarno”. Estes acordos, sob supervisão Inglesa e Italiana, instituíam diversos “pactos de não agressão” entre a Alemanha, a França, a Bélgica, a Polónia e a Checoslováquia<sup>3</sup>, mas foram principalmente importantes pelo reconhecimento das fronteiras definidas no Tratado de Versaillles, permitindo o restabelecimento e a desmilitarização das fronteiras do Ruhr e pondo finalmente fim ao desentendimento territorial entre a França e a Alemanha, ao mesmo tempo que permitiam a entrada desta para a Sociedade das Nações (SDN). Estes acordos valeram a Aristide Briand, em conjunto com Gustav Stresemann, a atribuição do prestigiado Prémio Nobel da Paz no ano seguinte.

No início de 1927 e com a experiência dos “acordos de Locarno”, Briand propõem um pacto de “renúncia à guerra como instrumento de política nacional” entre a França e os Estados Unidos da América, que foi aceite por Frank B. Kellogg e

---

<sup>1</sup> Embora tenha exercido o cargo de Primeiro-Ministro em 1913, mas apenas por um breve período

<sup>2</sup> Só no primeiro dia o Exército francês perdeu cerca de 40.000 militares, tendo-se estimado o número de baixas dos aliados no final da operação, que durou cerca de 2 meses, em 350.000.

<sup>3</sup> Quatro tratados entre a Alemanha, por um lado, e a França, a Bélgica, a Polónia e a Checoslováquia, por outro. Dois tratados entre a França, por um lado, e a Polónia e a Checoslováquia, por outro.

estendido a quinze países, tendo sido assinado a 27 de Agosto no que ficou conhecido como os “acordos de Paris” (ou os acordos de Kellogg-Briand).

Nesse mesmo ano torna-se presidente de honra do movimento pan-europeu, iniciado por Richard Kalergi, que tanta influência teve na construção da ideia da Europa em Briand.

Em 1929/30, acumulando as funções de Presidente do Conselho, apresenta o famoso Memorando Briand.

Morre inesperadamente em Paris a 7 de Março de 1932.

## 2. O CONTEXTO INTERNACIONAL

A Europa vivia ainda os efeitos resultantes da 1.<sup>a</sup> Guerra Mundial. A reconstrução física e a recuperação económica e moral avançavam lentamente e a paz conseguida no término da guerra permanecia instável.

As condições impostas aos vencidos, nomeadamente à Alemanha, conduzem a constantes perturbações internas, com naturais reflexos externos nos restantes países europeus. As dificuldades económicas e o receio da expansão do comunismo (que desde o início dos anos vinte era uma ameaça permanente) levam ao desenvolvimento de movimentos nacionalistas e de regimes autoritários um pouco por toda a Europa, com maior incidência nos novos Estados que surgem do pós-guerra na Europa central e oriental<sup>4</sup>. As democracias europeias são frágeis e corruptas, não conseguindo dar resposta aos novos problemas. Os governos sucedem-se uns aos outros, contribuindo para uma maior instabilidade interna, sendo a França um excelente exemplo desta situação.

É neste contexto que é cada vez mais reconhecida a necessidade de manutenção da Paz no mundo e em particular na Europa. Com o objectivo de ajudar na resolução pacífica de conflitos entre os Estados é criada a Sociedade das Nações, muito por influência do Presidente dos EUA, Thomas Wilson, e os seus “catorze pontos”. Este projecto de segurança colectiva é concretizado em 1920 em Genebra, mas nasce logo com problemas que iriam minar para sempre a sua

---

<sup>4</sup> Logo em 1922 Benito Mussolini “Marcha sobre Roma”, apoiado por 126.000 pessoas entre as quais se encontravam industriais, comerciantes, grandes proprietários e militares de elevada patente, e impõem um regime fascista. Outros Estados seguem o exemplo Italiano e Alemão e novos regimes autoritários surgem na Áustria, em Espanha, na Hungria, na Jugoslávia, na Polónia, em Portugal e em muitos outros países.

influência na resolução dos conflitos que se lhe seguiram. Entre outros, podemos apontar como maiores responsáveis pelo falhanço da SDN os seguintes:

- A ausência dos Estados Unidos da América, que embora tenha contribuído significativamente para a sua criação, não a integrou. Já era reconhecida como uma das potências da altura, sendo fundamental na manutenção do equilíbrio mundial;
- O afastamento dos países vencidos na 1.<sup>a</sup> Guerra Mundial da formação inicial da SDN, e em particular da Alemanha, que só foi aceite em 1926, altura em que a oposição interna face ao governo de Weimar atingia uma fase sem retorno, tendo levado Hitler ao poder em Janeiro de 1933 (a Alemanha abandonou a SDN nesse mesmo ano);
- A adesão tardia da URSS, outro dos poderes mundiais emergentes. Apenas em 1934, altura em que a SDN já perdera praticamente a sua credibilidade internacional;
- A tendência que os países membros permanentes do Conselho tinham para utilizar a SDN em seu proveito, nomeadamente a França e a Inglaterra.

Apesar disso, a criação da SDN trouxe valiosos contributos para a melhoria das relações entre os Estados europeus, ao permitir uma plataforma de encontro entre os seus líderes, que aliás justifica plenamente que o projecto Briand tenha sido apresentado nesta instituição.

Outra das tendências da altura assentava na ideia da criação dos grandes blocos civilizacionais, como sejam o panamericanismo, o iberoamericanismo, panafricanismo, paneslavismo, etc. Esta tendência e o reconhecimento gradual, por parte dos Estados europeus, da perda da sua importância face a um mundo novo, onde novos poderes políticos e económicos vêm surgindo (nomeadamente a ameaça do comunismo proveniente da Rússia e o poder económico americano), cria as condições necessárias para o surgimento de uma corrente de pensamento que ficou conhecida como o movimento pan-europeu.

### 3. A PAN - EUROPA

Em 1923 o jovem aristocrata Richard Coudenhove-Kalergi publica uma pequena obra conhecida como Pan-Europa, que iria influenciar decisivamente diversos intelectuais e políticos da época, como Aristide Briand e a sua ideia para a Europa. A publicação do livro deu origem à criação do movimento pan-europeu, cujo 1.º congresso decorreu em Viena no dia 1 de Outubro de 1926 e onde participaram

personalidades dos mais diversos quadrantes. Entre os intelectuais destacam-se os nomes de Albert Einstein, Thomas Mann, Heinrich Mann, Sigmund Freud, Paul Valéry, José Ortega y Gasset, entre muitos outros. Entre os políticos refira-se Caillax, Painlevé (França), Édouard Bénéš (Checoslováquia), Konrad Adenauer (Alemanha), Conde Sforza (Itália), Nicolas Politis (Grécia) e obviamente Aristide Briand, entre muitos outros.

Da obra de Kalergi apresentam-se três excertos que ajudam a uma melhor compreensão (Soulier, 1994, p. 253):

- «...Poderá a Europa, na sua fragmentação política e económica, assegurar a paz e a independência perante as potências mundiais extra-europeias que estão em pleno crescimento?...»
- «...A Europa, que perdeu, quase totalmente, a confiança em si, espera um auxílio do exterior...Estas duas esperanças constituem um perigo de morte para a Europa...a Rússia quer conquistá-la – a América quer comprá-la...»
- «...a Europa deve ajudar-se a si mesmo constituindo, com um objectivo prático, uma união político-económica...»

Richard Kalergi tinha a consciência de que era necessário manter a paz no mundo, e em particular na Europa. O reconhecimento da perda de importância dos Estados europeus, face à ascensão de outros poderes como os EUA e a Rússia (cuja influência e interferência crescia cada vez mais, contribuindo para uma maior instabilidade), fazia emergir a necessidade da criação de um bloco regional que fosse político-economicamente forte e capaz de se impor ao nível mundial. Para isso defendia a instituição progressiva de uns “Estados Unidos da Europa”, assente num grande mercado unificado, cujo modelo económico seria baseado nos EUA e numa União baseada num modelo político pan-americano.

Isto só seria possível através da separação da nação (entidade cultural) e do Estado (entidade política), à semelhança da separação da Igreja e do Estado. Outro factor que considerava igualmente fundamental para o seu sucesso era a reconciliação entre a França e a Alemanha. Todo o conceito envolvente, incluindo a designação de Pan-europa, «...aparecia indissociável de uma vasta tendência internacional que apostava na formação de grandes blocos civilizacionais que seriam responsáveis pela condução da política internacional...» (Pacheco, 2004, p. 195).

#### 4. O PROJECTO BRIAND

A 7 de Setembro de 1929, perante a Assembleia da SDN, o Presidente do Conselho francês (e Ministro dos Negócios Estrangeiros), Aristide Briand, profere um discurso que iria para sempre ficar na História da construção europeia, e do qual apresenta-se parte: «...Penso que entre povos que estão agrupados geograficamente, tais como os da Europa, deve existir uma espécie de laço federal... Evidentemente, esta associação agirá, sobretudo no domínio económico. É a questão mais premente... Mas também estou certo que, tanto do ponto de vista político como do ponto de vista social, o laço federal, sem afectar a soberania de qualquer das nações que poderão fazer parte de uma tal associação, pode ser benéfico...»<sup>5</sup>.

Este discurso enquadrava-se no espírito do já falado movimento pan-europeu, tendo o orador sido felicitado pela sua intervenção, mas sem grande entusiasmo (inclusive em França) e com muitas objecções a serem levantadas pela maioria dos representantes dos diversos países.

As principais razões apontadas prendiam-se com as óbvias contradições existentes entre a necessidade de se criar um “laço federal” para se atingir a necessária união económica, política e/ou social e a manutenção total da “soberania comum das nações”. De realçar a atitude da Inglaterra que, sem se opor directamente ao projecto, insistia na não inclusão do seu país neste projecto, isto porque continuava a acreditar (e foi assim ainda durante algum tempo para além da 2.ª Guerra Mundial) na manutenção do seu império. Apesar de tudo, os 26 Estados europeus membros da SDN solicitaram a Briand que preparasse um memorando. O memorando Briand <sup>6</sup> é redigido por Alexis Léger, Secretário-Geral do Quai d’Orsay, e comunicado a 1 de Maio de 1930. Dele destacam-se os seguintes excertos (Soulie, 1994, p. 255):

- «...é sobre o plano político que deverá ser primordialmente conduzido o esforço condutor tendente a dar à Europa a sua estrutura orgânica. Uma ordem inversa não seria apenas vã, apareceria aos olhos das nações mais fracas como susceptível de as expor, sem garantia nem compensação, ao risco de uma dominação política podendo resultar de uma dominação industrial dos Estados mais fortemente organizados...»;

---

<sup>5</sup> [http://www.iscsp.utl.pt/~cepp/teoria\\_das\\_relacoes\\_internacionais/aristide\\_briand.htm](http://www.iscsp.utl.pt/~cepp/teoria_das_relacoes_internacionais/aristide_briand.htm).

<sup>6</sup> Memorandum sur l’organisation d’un régime d’union fédérale Européenne

- «...Não se trata, de modo algum, de constituir um agrupamento europeu fora da SDN...»;
- «...Em caso algum...a instituição de um laço federal...poderá afectar seja no que for qualquer dos direitos soberanos dos Estados-membros...».

Este memorando reflecte, naturalmente, a alteração substancial das condições económicas e políticas envolventes que entretanto se verificaram. Cerca de um mês depois do discurso de Briand na SDN, morre inesperadamente um dos maiores apoiantes de Briand, o seu homólogo alemão Gustav Stresemann. Em Outubro desse ano (1929), dá-se também o Crash do Wall Street. Face à importância da economia americana nas Bolsas mundiais e em particular na Europa, que se tinha generalizado após a 1.ª Guerra Mundial, a crise propagou-se rapidamente por todos os países, sendo a Alemanha um dos mais afectados<sup>7</sup>. Partidos políticos com ideologias mais extremistas aproveitam a crise instaurada para apostar em promessas de aumento de emprego e de cariz social, aliado a uma forte propaganda nacionalista com o objectivo de obter o apoio da população. As democracias ocidentais, já de si frágeis, vacilam ainda mais.

A pressão vinda de vários sectores aumenta e o memorando, embora mantenha no seu conteúdo o mesmo espírito do discurso e dos já falados acordos de Locarno (ou seja a manutenção da paz), sofre diversas alterações. Os interesses económicos de alguns países, como sejam os EUA e a Inglaterra, levam a uma alteração das prioridades, passando o económico a ser subalternizado em relação ao político (situação que é exactamente o contrário da apresentada no discurso), pois seria necessário partir de um acordo político para possibilitar uma “aproximação das economias europeias”.

Mas se esta situação era realçada, nem por isso faltaram pressões para reforçar a ideia de que não se deveria nunca afectar qualquer dos direitos soberanos dos Estados intervenientes, o que logicamente vinha complicar mais a formação do tal laço federal que se pretendia.

Existe igualmente um visível cuidado de não ferir a própria SDN, ao determinar-se que não se pretende constituir nenhum agrupamento europeu fora da SDN, bem pelo contrário, apostava-se na concepção, já falada, dos grandes blocos regionais. Este seria uma espécie de agrupamento regional que actuaria

---

<sup>7</sup> Por volta de 1930 a Alemanha contava com cerca de 6 milhões de desempregados

subordinado à SDN, sendo inclusive constituído à sua semelhança, até porque esta era uma Europa que mantinha fortes ligações políticas e económicas com o resto do mundo, nomeadamente através das suas colónias.

## 5. AS REACÇÕES INTERNACIONAIS E OS RESULTADOS PRÁTICOS

A maioria das reacções internacionais ao memorando não foi muito favorável. Em boa verdade, só dois Estados europeus não levantaram objecções (Jugoslávia e Bulgária), sendo que outros cinco se mostraram favoráveis mas com reservas (Holanda, Noruega, Grécia, Checoslováquia e Polónia).

Nos restantes países europeus, as objecções eram grandes e prendiam-se fundamentalmente com três aspectos: a já falada incongruência em relação à preservação total da soberania dos Estados-membros, a “velha” discussão sobre os limites da Europa (a URSS e a Turquia pertenciam ou não?) e o receio do esvaziamento e da importância da SDN no contexto internacional.

É de realçar a posição da Alemanha e da Itália, pela importância que viriam a ter, passados 9 anos, com a 2.<sup>a</sup> Guerra Mundial. A Alemanha apoiava a iniciativa, mas aproveitava para fazer valer as suas reivindicações nacionais, ao defender a aplicação do princípio da igualdade integral dos direitos entre todos os futuros Estados-membros, numa clara alusão ao seu próprio país. Quanto à Itália, Mussolini era peremptório na necessidade de se reverem os tratados de paz assinados no final da 1.<sup>a</sup> Guerra Mundial, antes do estabelecimento de qualquer união política.

Em relação à posição defendida pelos três países grandes da altura, refere-se o seguinte: os EUA viam com alguma apreensão os prejuízos que a instituição de barreiras alfandegárias poderia provocar nas suas exportações para a Europa. A URSS não estava interessada em rivalizar politicamente com um agrupamento de países capitalistas. A Inglaterra mantinha ainda a ilusão do seu vasto império colonial, não se identificando com este projecto de Europa federal e defendendo que era na SDN que se deveriam resolver os problemas mundiais, incluindo os europeus.

Em 16 de Setembro de 1930, na XI Assembleia da SDN, era criada a Comissão de Estudos da União Europeia, com o objectivo de estudar o projecto apresentado por Aristide Briand. Inicialmente com alguma actividade, o desempenho da comissão esmoreceu completamente após a morte de Briand em 1932 e, com

a extinção da Comissão, “morre” também a ideia de Briand para a Europa, que só viria a ser recuperada após a 2.<sup>a</sup> Guerra Mundial.

Os resultados práticos verificados na vertente económica também não tiveram grande futuro. Destaca-se, no entanto, a fundação de uma Associação para a União Económica Europeia, reunindo banqueiros e indústrias e antevendo a formação de um grande mercado europeu. Igualmente de referir a proposta, por Anatole de Monzie, da criação de um “cartel do Reno” para exploração do carvão e do minério de ferro das problemáticas zonas do Ruhr e da Lorena, numa clara antevisão do que viria a ser a Comunidade Europeia do Carvão e do Aço, que, como é sabido, foi a génese da União Europeia.

## CONCLUSÃO

Como verificamos, o projecto Briand apresentado em 1929/30 foi um verdadeiro falhanço político. As razões desse falhanço prendem-se fundamentalmente com dois factores.

Por um lado as circunstâncias políticas e económicas envolventes não eram as mais propícias à cooperação internacional: A URSS alargava cada vez mais a sua influência comunista aos países da Europa central e oriental. Os EUA estavam a braços com uma terrível recessão. A queda da bolsa de Nova York tinha tido graves consequências nas economias europeias, com os governos a adoptarem uma postura defensiva e não favorável a “devaneios”. A crise económica instalada e o avanço da ideologia comunista favoreciam igualmente o desenvolvimento dos regimes totalitários um pouco por toda a Europa, à semelhança do que já tinha acontecido em Itália em 1922. As democracias ocidentais, extremamente frágeis, eram constantemente asediadas por movimentos de índole fascista ou comunista. O principal apoiante de Briand, Gustav Stresemann, tinha morrido e na Alemanha estavam reunidas as condições que levariam Hitler ao poder em 30 de Janeiro de 1933.

Por outro lado, o projecto de Briand assenta numa contradição irrealista, pois pretende implementar uma união de âmbito político e económico, sem perda de qualquer soberania por parte dos seus Estados-membros.

A importância do memorando Briand é, no entanto, inegável. Efectuado por um homem político no exercício de funções de elevado prestígio, teve o indiscutível mérito de transportar a discussão sobre uma Europa unida dos meios intelectuais para o seio da principal organização internacional política da altura – a Sociedade das Nações, e assim aberto as portas à construção do projecto europeu.

## BIBLIOGRAFIA

- AAVV (1997). 50 anos de Europa: os grandes textos da construção europeia, Gabinete em Portugal do Parlamento Europeu.
- AAVV (1992). História da Europa, 2.<sup>a</sup> edição, Ed. Minerva, Coimbra.
- BOSSUAT, Gérard (1994). Les fondateurs de l'Europe, Ed. Belin, Paris.
- PACHECO, Cristina (2004). “Portugal e o Memorandum Briand”, in Vários, Revista Clio, Nova série, Volume II, Centro de História da Universidade de Lisboa.
- RIBEIRO, Maria Manuela Tavares (2003). A ideia da Europa – Uma perspectiva histórica, Ed. Quarteto, Coimbra.
- SOULIER, Gérard (1994). “A Europa: história, civilização, instituições”, in Vários, Coleção: História e Biografias (sob direcção de António Oliveira Cruz), Instituto Piaget, Lisboa.
- [http://www.iscsp.utl.pt/~cepp/teoria\\_das\\_relacoes\\_internacionais/aristide\\_briand.htm](http://www.iscsp.utl.pt/~cepp/teoria_das_relacoes_internacionais/aristide_briand.htm),  
acedido em 12 de Outubro de 2007.

